

ESTUDO DA CONSTRUÇÃO [V POR TERRA]: UMA ABORDAGEM BASEADA NO USO

Adriana Hoffmann

Universidade Federal da Fronteira Sul

Bolsista FAPESC

adrihoffmann@estudante.uffs.edu.br

Eixo 08: Linguística, Letras e Artes

RESUMO

Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, a mudança linguística deve ser entendida como localizada na interação do falante, ou seja, ela ocorre à medida em que a língua é usada e não no processo de aquisição. É por isso que novas estruturas linguísticas são transmitidas e adquiridas por falantes ao longo de toda a vida e não só na infância. Além disso, a mudança não existe por si própria, são as pessoas que usam a língua que avaliam certas expressões e determinam se algo muda ou não. O principal objetivo deste trabalho é investigar o processo de mudança linguística que levou à construcionalização do esquema [V por terra] em um novo pareamento de forma e significado. O *corpus* da pesquisa será coletado do Corpus do Português (CdP), no qual serão empreendidas análises sincrônicas e diacrônicas, em uma perspectiva metodológica mista, ou seja, que considera tanto a metodologia quantitativa quanto qualitativa no processo de análise.

Palavras-chave: Construcionalização. Mudança linguística. Gramática das construções.

INTRODUÇÃO

Para Bybee (2016), a estrutura linguística é comparada às dunas de areia e sua aparente regularidade. As dunas de areia, apesar de terem uma configuração, um desenho, não são estáveis, a depender da chuva, do vento ou da ação do homem os seus contornos se modificam. Da mesma maneira, estabilidade, variabilidade e mudança convivem nas práticas linguísticas. Com o objetivo de compreender a natureza gradiente da mudança linguística, a Linguística Funcional Centrada no Uso traz à discussão questões importantes tais como a integração de aspectos semânticos e pragmáticos e a hipótese de que as construções são o *locus* da mudança.

Goldberg (1995) afirma que qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou significado não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Sua tese central, portanto, é a de que construções carregam significado independentemen-

te de padrões gramaticais ou do significado isolado das palavras presentes. Trata-se de combinações convencionalizadas específicas.

Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções, esta pesquisa procurará defender a tese de que, na língua portuguesa, há um esquema construcional convencionalizado formado por um *slot* X, preenchido invariavelmente por um verbo, e duas subpartes fixas: “por terra”, doravante formalizado como [V por terra]. Acredita-se que o sintagma nominal preposicionado “por terra”, usualmente associado a verbos de movimento para indicar percurso ou movimentação dentro de um espaço, em um processo de mudança gradual, adquire um novo significado convencionalizado e passa a designar, juntamente com o verbo, algo que *deixa de existir*.

A seguir, ilustramos dois contextos de uso que licenciam esse esquema:

1. A reação de Alba era bem diferente. Logo de início o tratamento cerimonioso **foi por terra**, ao mesmo tempo em que foi eliminada a distância corporal (CHdP: O silêncio da chuva, Luiz Alfredo Garcia-Roza, 1996).
2. A paixão pela bola começou na escola, nas aulas de educação física. Um dia, disse para a mãe que queria levar aquilo mais a sério, queria treinar de verdade. Flamenquista, foi à Gávea, animada para inscrever-se na escolinha do clube. Um sonho que por pouco não **caiu por terra** ao descobrir que simplesmente não havia ali a escolinha feminina (CdP/Now: Futebol de meninas, Luiz Gomes, 2019, <https://www.terra.com.br/esportes/lance/luiz-gomes-futebol-de-meninas,69159509311a975d7a692e26afd1397ezccwr7y4.html>)

Os fragmentos (1) e (2) exemplificam instâncias de uso da construção [V por terra]. Como é possível perceber, trata-se de contextos em que o item lexical “terra” perde seu sentido referencial usual, assim como os verbos que preenchem o *slot* V aparecem desbotados semanticamente. O sentido da construção, portanto, nos casos acima, depende do encadeamento dessas palavras e não pode ser interpretado através do significado dos itens isoladamente. Em (1) não é mais possível inferir uma trajetória realizada pela parte sólida da terra, inclusive tendo em vista o argumento selecionado “tratamento cerimonioso”. A leitura inferida de “o tratamento cerimonioso **foi por terra**” é a de que o tratamento que havia deixou de existir, desapareceu, a partir daquele momento. Em (2), com “um sonho que por pouco não **caiu por terra**” o sentido referencial de mudança de lugar denotado pelo verbo “cair” também não pode mais ser inferido e, novamente, o argumento “um sonho” também não é prototípico para esse tipo de verbo. Mesmo que o verbo que preenche o *slot* seja diferente, temos invocado o sentido de algo que deixaria de existir.

Dessa forma, trabalhamos com a hipótese de que estamos diante de um processo de construcionalização. Esse termo foi criado por Traugott e Trousdale (2021) a respeito do surgimento de novas construções na língua e é definido como a criação de um novo pareamento forma-significado. A construcionalização significa um novo nó na rede linguística de uma população de falantes, que tem nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado.

Para os autores, há dois tipos de construcionalização. Quando observamos uma série de mudanças na forma e no significado em construtos de origem mais lexical que passam a ser menos referenciais, mais abstratos e procedurais, temos uma construcionalização gramatical. O desenvolvimento de esquemas, subesquemas e micro-construções gramaticais é sempre gradual. Há também a construcionalização lexical, processo que cria compostos de conteúdo, mais referenciais. Esse tipo de mudança tende a ser gradual, mas também pode ser instantânea quando tomamos por empréstimo novas palavras como pares de forma/significado.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta pesquisa, adotaremos uma metodologia que busca conciliar uma análise interpretativa dos dados e um tratamento quantitativo dos resultados, utilizando um método denominado misto. Além disso, adotaremos um viés analítico pancrônico, visto que as construções participam da mudança em dois níveis simultaneamente: diacrônico e sincrônico.

Segundo Croft (2000), a perspectiva sincrônica examina as propriedades da linguagem no ponto específico do tempo em que ocorreu a mudança na convenção. A visão diacrônica da linguagem considera suas propriedades ao longo do período de tempo no qual a propagação ocorre. Dessa forma, análises diacrônicas são importantes para capturar o surgimento de uma nova estrutura, assim como avaliar a frequência em que ela é utilizada, ao mesmo tempo em que nos possibilita rastrear a(s) relação(ões) entre mudança de forma e função e seu contexto de uso. O estudo sincrônico nos possibilita a identificação dos níveis de esquematicidade da construção, bem como as microconstruções instanciadas por ela. Também nos possibilita avaliar termos de preferência e restrições pragmáticas, sejam elas relacionadas à organização do discurso, funções do ato de fala ou características interacionais.

O *corpus* de pesquisa será composto por dados captados do Corpus do Português (CdP), disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Para as análises diacrônicas, selecionamos a subparte referente às fontes históricas, o chamado *corpus* Gênero/Histórico, com

textos dos séculos XIV ao XX, em Português Europeu e Português Brasileiro. Já as análises de recorte sincrônico serão realizadas a partir das informações da plataforma NOW (Notícias na Web), outra subparte do CdP, em textos do Português Brasileiro do século XXI (2012-2019).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa está em fase inicial e, portanto, neste momento, não temos análises substanciais para apresentar pois o *corpus* está sendo ainda construído e organizado. Observamos, entretanto, nesta fase, que novas discussões podem ser levantadas durante o período efetivo de análises. Observamos que o verbo que preenche a posição [V] da construção ao ser usado no infinitivo, restringe sua interpretação para o significado de origem, ou seja, *seguir por terra*, como em (3). Para que a construção apresente o significado conotativo de *deixar de existir*, o verbo não pode estar no infinitivo.

3. Decidimos *ir por terra*, após a embarcação atrasar.

Da mesma forma, a preposição *por* também não pode contrair-se com artigos. Caso isso ocorra, o significado associado é sempre denotativo, como em (4).

4. *Passamos pelas terras* do nosso vizinho.

Essas são restrições observadas durante a coleta do *corpus* que se apresentam como novas hipóteses a serem comprovadas.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso centra-se na construção, ou seja, uma unidade linguística complexa, até certo ponto analisável em elementos simbólicos menores. Construções, portanto, são montagens simbólicas nas quais gramática e léxico formam um *continuum*. O objetivo da análise gramatical sob essa perspectiva é descrever tais montagens de forma clara e precisa (Langacker, 2013).

É importante ressaltar que as construções de uma determinada linguagem não formam um conjunto não ordenado. De acordo com a abordagem construcional, podemos descrever a língua como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais. Essa estrutura está intimamente relacionada ao uso da língua, tanto moldando-a quanto sendo moldado por ela. Dessa forma, o uso da linguagem desempenha um papel fundamental no processo de mudança linguística que, de acordo com essa abordagem teórica, ocorre quando as construções são usadas de maneira consistente e, ao longo do tempo, podem sofrer alterações em sua forma, significado ou frequência de uso.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, William. **Explaining language change: an evolutionary approach**. London: Longman, 2000.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LANGACKER, Ronald W. **Essentials of cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.